

## POEMAS DE SYLVIA BEIRUTE

### POEMA DE BENEFICÊNCIA

introduza um colapso numa dúvida. recolha-a por elementos. coloque perguntas ao redor. as respostas situam-se entre tempos verbais. um detalhe apaga-se para dar lugar a outro. a memória como um todo. qualquer força para medir é uma inexpressão na arte. não há um só caminho aberto em direcção a um caminho aberto. imperdibilidade é um modo feio de beleza. as coisas mais belas são decíduas porque não assíduas. como aquele fragmento de biografia sem palavras que procura corporalidade no texto. o seu instinto difásico é como um diálogo em que as duas linguagens se friccionam e encontram como que numa orla central em que tudo o resto se autopune até à morte, ficando um quadro de órgãos estrelados.

quem entrou aqui introduziu um colapso numa dúvida, recordo. quem tem dúvidas não morre verdadeiramente. recolher elementos de dúvida é uma ocupação como qualquer outra. os ocupados não morrem. a estética escultural do olfacto é mais importante do que as auto-estradas. por isso, vá a pé na imaginação férrea do silêncio. cheire a paisagem que se absorve lentamente ao fundo e que rasga com ternura a ternura do céu de outono. não ande demasiado. quanto mais andar mais esperança surge. surgir esperança é surgir um espelho, e um espelho é difuso apenas na interioridade. intimidade. é como o poema. o poema que mudou. que se deslocou até aqui porque fez uso das possibilidades, probabilidades, matemáticas e deslumbres que a arte oferece. ontem, quando o visitei, o poema era literatura. hoje é mistificação das bases. e ter um pensamento único, convenhamos, é a fruição da vanguarda. a vanguarda converte porque gera metades de tudo o resto. e tudo o que é metade se perde.

### AÇÚCAR-MATÉRIA

já ter acontecido:

à falta de um vício, ser-me proposto um exemplo

de não exemplo,  
o projecto de ser uma mulher de açúcar,  
e reverberar a personagem no meu rosto.  
e nos anti-corpos da pré-exibição  
ver um piazzolla, um piazzolla também de açúcar  
e uma composição instantânea, o tango  
de uma escalada em condição de cristal.

sim, já ter acontecido, já ter acontecido muitas vezes:  
sermos feitos de açúcar, porque  
assim que a dança começa, piazzolla,  
sempre os corpos desabam.

### EM PARTE

em parte porque o poeta brilhante é aquele que consegue desprender a sua voz das suas palavras e mantê-las na precariedade do seu contexto e no subjuntivo da sua estranheza mais original, ela lê o seu poema sem palavras, a fim de ouvir o som da distância nos lugares da sua voz.

### ONZE PALAVRAS

quisera  
crer o amor escondido no porta-malas do cérebro, uma res-  
posta que ainda pergunta */e diminuem as sombras com as palavras ?/* e lá  
uma retribuição para além do recebido:  
os sentidos são o correio do corpo.

quisera crer que ligaria, claro, mais tarde, às onze e meia,

às onze e meia em ponto, com onze,  
onze palavras mornas e a síntese do não - *convergências*,  
e a antítese do sim - *divergências*,  
frias como um cartão de crédito  
entre os dedos de um homem que procura um útero  
onde possa derrotar-se.

## CARBONO

{ parte esta distância ao meio e  
separa os meus carbonos e nirvanas e  
nas aberturas que se formam, entre uns e outros,  
coloca-me um daqueles {!} pontos de exclamação  
vermelhos em vias de extinção  
e que cortam primeiro o pulso e depois  
o eco à palavra eterna. recolhe então  
os deuses que da palavra emanam, ou  
os do eco nado-morto no seu útero de nuvem, e  
dispõe-os sobre a meia volta que o abraço  
dá, desde a manhã, até à tarde. }

porque, de resto, na memória não há sentimentos  
mas emboscadas que da sua espontaneidade  
brotam e voam como algo por acontecer.  
as suas palavras, verdadeiras ou não, nascidas  
ou inascidas, desfazem o longo muro de silêncio.